



## Descolonizar Mentes, Enegrecer o Pensamento: Epistemologias Negras na Comunicação

---

RAFAEL PINTO FERREIRA DE QUEIROZ

### Resumo

O texto propõe um mapeamento do que seriam epistemologias negras, onde procura nomear tanto suas características, quanto seus necessários compromissos, pois além de serem teorias escritas por autorxs negrxs, as mesmas precisariam trazer um conteúdo sobre nós de forma antirracista, anticolonial e insurgente. O debate busca continuar o trabalho de muitos intelectuais negrxs que o precederam, quando assim tentaram classificar e refletir sobre o que seria ou como deveria ser uma determinada episteme enegrecida, buscando se diferenciar do pensamento branco hegemônico e, ao mesmo tempo, combater o epistemicídio. Além desses, procurou-se um diálogo com pensadores decoloniais, demonstrando os pontos de convergência, assim como as inspirações dos mesmos em torno da autoria negra para formarem esse pensamento destoante do eurocentrismo. Foi realizada uma revisão bibliográfica transdisciplinar e transnacional, valendo-se de teorias provenientes de África, Caribe, Américas do Norte e do Sul, procurando o diálogo com saberes ligados a uma ideia política de Sul Global. O intuito dessa movimentação, entre outros motivos, aponta para a necessidade de transformação do campo da Comunicação, área a qual pertence o autor, e que ainda apresenta conteúdos tímidos em relação a identidade e relações raciais, assim como ainda se encontra vinculada e dirigida por autores brancos e/ou eurocêtricos.

**Palavras-chave:** Epistemologias Negras; Teoria; Epistemicídio; Antirracismo; Comunicação

### Abstract

The text proposes a mapping of what would be black epistemologies, where it seeks to name both its characteristics and its necessary commitments, because in addition to being theories written by black authors, they would need to bring content about us in an anti-racist, anti-colonial and insurgent way. The debate seeks to continue the work of many black intellectuals who preceded it, when they tried to classify and reflect on what a certain blackened episteme would be or should be like, seeking to differentiate itself from the hegemonic white thought and, at the same time, to combat the epistemicide. In addition to these, a dialogue was sought with Decolonial thinkers, demonstrating the points of convergence, as well as their inspirations around black authorship to form this thought that is opposed from Eurocentrism. A transdisciplinary and transnational bibliographic review was carried out, using theories from Africa, the Caribbean, North and South America, seeking dialogue with knowledge linked to a political idea of the Global South. The purpose of this movement, among other reasons, points to the need for transformation in the field of Communication, an area to which the author belongs, and which still presents timid content in relation to identity and race relations, as well as still linked and directed by white and / or Eurocentric authors.

**Keywords:** Black Epistemologies; Theory; Epistemicide; Anti-racism; Communication.

## Introdução:

Amplificando um debate já levantado por Claudia Pons Cardoso (2017), Tanya Saunders (2017), Eduardo Oliveira (2009), Aline Nascimento (2017) e demais autores, deseja-se retomar a discussão em torno do que constituiria uma Epistemologia Negra e se a mesma se torna possível enquanto unidade teórica. Isto é, compartilhando de características comuns, formando um pensamento enegrecido e capaz de transformar os currículos acadêmicos, trazendo novas possibilidades que tentem abarcar as experiências negras no enfrentamento de saberes eurocêntricos, numa ação antirracista.

Dessa forma, a partir de uma experiência pessoal em que tento me encontrar enquanto pesquisador negro, passo a refletir e a tentar classificar o que seriam epistemologias negras. Essa busca é instigada tanto pela afirmação política de usar mais autores(as) negros(as) dentro de um ambiente branco e eurocêntrico da academia, quanto pela possibilidade de encontrar teorias que reflitam a condição do povo negro, assim como busquem a insurgência (WEST, 1999). Assim, nesse artigo, vou mapear o que seriam essas epistemes negras, nomeando tanto suas características, quanto seus necessários compromissos. Com essa movimentação, espera-se que a contribuição que o conhecimento enegrecido pode agregar ao campo da Comunicação seja cada vez mais desenvolvido e reconhecido.

Já que, partindo do pressuposto de Grada Kilomba (2010), de que o universo acadêmico ainda é um lugar também de violência para os corpos e ideias negras, o campo da Comunicação no Brasil não se mostra diferente disso. De forma geral, o assunto raça e suas variáveis é ignorado pelo *mainstream* das pesquisas acadêmicas nesta área, como coloca a nota editorial do Dossiê da revista *Animus* intitulado “Comunicação, Identidades Raciais e Racismo”, de Liv Sovik e Thiago Ansel (2015, p. 1):

A atenção às identidades raciais e ao racismo tradicionalmente não fazem parte do leque de perspectivas analíticas sobre a comunicação

no Brasil. Os motivos podem ser históricos. A partir do momento fundador, marcado pelo boom da indústria cultural brasileira e a globalização – ou americanização, como se dizia nos anos 60 e 70 – da produção cultural, os estudos da Comunicação têm sido mais “universalistas” do que particularistas ou nacionalistas. Nesse sentido, a área é diferente da Antropologia e das Letras, onde se pensa mais sobre a identidade nacional. Há exceções: afinal um dos principais teóricos brasileiros da Comunicação hoje, Muniz Sodré, fez impacto sobre a comunidade intelectual mais ampla com seus livros sobre as formas de pensar da cultura negra, mas o tema ainda não chegou ao mainstream.

Como a exceção não confirma a regra, Muniz Sodré ainda é um dos poucos a tentar enegrecer os estudos da Comunicação no Brasil, tema que também ganhou mais destaque através da própria Sovik. E é importante frisar que discordo dos autores do estudo na tentativa de explicação para esse abismo que estamos reportando, pois acredito ser o racismo e a falta de negros e negras nos cursos de comunicação, geralmente elitizados, a principal causa para os temas, a cultura negra e o racismo, estarem às margens, e não outro motivo de ordem histórica, ou de como se constituíram os estudos de comunicação no país. Ainda de acordo com o texto, essa quantidade pequena foi confirmada através de uma pesquisa sobre o número de teses e dissertações que abarcaram as temáticas identidade e relações raciais, no período entre 1990 e 2014, tendo apenas cinco programas filiados a Compós apresentado número superior a 10% (ibid., p. 2).

Sem contar que os maiores congressos da área como Intercom e Compós não possuem nenhum Grupo de Trabalho específico sobre raça e racismo, o que me leva a crer que estou numa área de pesquisa branca e que ignora minha existência. Contudo, essa situação tende a ficar insustentável graças às cotas para pretos e pardos que têm garantido ao nosso povo acesso à universidade e que, aos poucos, vêm sendo instituída também nos programas de pós-graduação. Algo já começou a ser feito, a ser provocado, a partir do esforço de muitos mais velhos, como Lélia Gonzalez, Muniz Sodré e Joel Zito Araújo, como mais recentemente Rosane Borges, Laura Corrêa e vários outrxs

pesquisadorxs e professorxs que têm reivindicado a posição enquanto intelectuais negrxs da comunicação e tentando enegrecer o campo.

A importância da Comunicação nesse processo e como ferramenta possível para o combate dos racismos deve ser cada vez mais trazida para os debates, já que vivemos “num mundo em que a midiatização recobre todas as esferas de nossa existência” (BORGES, 2020, posição 191). Dialogando com Sodré e outros autores, Rosane Borges (2020) vai tentar nos lembrar que “a comunicação é uma prática do comum cujo objetivo é a criação e manutenção de vínculos”:

Na esteira de Sodré, a reivindicação não é pelo abandono da troca transferencial, mas pela admissão de que essa troca deve ser feita a partir da noção radical de vínculo, pois é a partir dela que se realiza a mediação, que se realiza a comunicação de um polo a outro desse processo. Para se vincular, considera o autor, é preciso que cada um perca a si mesmo, pois ser é *ser com*; o vínculo não tem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. A vinculação, completa Sodré, é condição originária do ser. (ibid., Posição 379 e 385)

E vai postular que, entre outras coisas, para a produção de vínculos, perspectivas plurais são necessárias. Dessa forma, pergunta: “Se as relações raciais dão visibilidade a subjetividades emergentes, como fazer dessas subjetividades um tópico incontornável para a reconfiguração do campo da comunicação?” (ibid., pos. 191-197). Ela vai partir “do entendimento que raça e racismo são categorias que renovam as práticas midiáticas e questionam a comunicação em suas múltiplas faces” (ibid., pos. 197).

Porque, para além das mídias comumente reproduzirem e reforçarem o racismo estrutural do nosso país, tem-se observado a escalada do discurso de ódio ao Outro, em especial o racismo anti-negro, e em diversas formas de comunicação, em especial as redes sociais. Principalmente a partir da ascensão do bolsonarismo, como parte local de um movimento global de conservadorismo e extrema direita, amparados pela versão mais violenta do capital. Isso sempre existiu, mas a partir do aspecto viral das mídias sociais, em um mundo cada vez mais conectado e a facilidade tecnológica para

manipulação de imagens e informação, parece que estamos diante de outras dimensões observáveis do discurso de ódio.

A liberação, pela palavra e imagem, das formas de destituição adentrou o mundo da política, destituindo-a, nos instalando em ambiências de negação e morte do Outro. As práticas discriminatórias, com os racismos à frente, passaram a ser um dos escudos dos indivíduos para exercício da comunicação entre supostamente iguais, alimentando as bolhas que são alérgicas *ao vínculo, à produção e distribuição do comum*, finalidade última da comunicação. (ibid., pos. 436 e 441, grifos da autora)

Para além de suas materialidades, convergências, tecnologias e transmissão de informação, “é preciso, [...] reiterar que a comunicação requer disposição para o acolhimento.” (ibid., pos. 424). Essa disposição, em algum nível, pode ser uma das ferramentas rumo a uma restauração de civilidade, de um projeto coletivo de humanidade, porque é quando há a reflexão entre o Eu e o Outro, se pensando mutuamente, que se poderia abrir espaço para emancipação humana.

Falar de racismos e outras formas de discriminação no âmbito da comunicação supõe, portanto, redefinir o campo de investigação da área de tal maneira que todas as prioridades dessa esfera de pesquisa sejam reescaladas a partir da não realização do vínculo questão/problema que vem fraturando o mundo contemporâneo e solicitando a emergência de uma nova política das mídias — ou de uma política das novas mídias. (ibid., pos. 532)

Dessa forma, enquanto um pesquisador negro da Comunicação, reconheço a urgência do processo de emergência de novas políticas para o campo. Proponho a abordagem, então, dos temas de raça e racismo, lidos por ferramentas de interpretação advindas de epistemologias negras, dentro dos mais variados focos de análise da área aqui tratada. Nessa encruzilhada de saberes afrodiaspóricos, defendo a escrita em primeira pessoa como forma de politizar e recentrar a importância de subjetividades subalternizadas, tornando-as ciência, além da liberdade de escrita e método. Isso

amplia o escopo tanto da transversalidade do conhecimento, abrangendo uma multiplicidade de saberes, mesmo que oriundos de outros lugares que não da academia, quanto da possibilidade de exercer um olhar opositor (hooks, 2019).

### **Epistemologias negras**

É importante colocar que, nesse momento, a palavra epistemologia está sendo considerada num sentido amplo de produção de saberes e conhecimentos, em acordo com o que Eduardo Oliveira (2009, p. 2) propõe em sua Epistemologia da Ancestralidade:

Não compreendo [...] epistême como conhecimento racional cravejado pela dinâmica civilizatória grega. Tampouco concebo epistemologia como um ramo da filosofia ocidental que se ocupa da questão do conhecimento (uma Teoria do Conhecimento). Não me interessa aqui a briga entre a tradição britânica e francesa em torno do termo. Concebo epistemologia, neste íterim, como a fonte de produção de signos e significados concernentes ao jogo de sedução que a cultura é capaz de promover.

Debruçar-se sob uma tentativa de mapear o que se enquadraria como uma Epistemologia Negra presume que isso é um trabalho em construção, como qualquer esfera do saber, onde não se objetivou seu fechamento por diversos motivos. Um deles seria a necessidade de uma contribuição coletiva, num sentido afrocentrado de valorização da comunidade (NASCIMENTO, 2017, p. 48), e não no individualismo. Como afirmou Rosane Borges (2020), urge uma redefinição do campo da Comunicação através de perspectivas plurais que abarquem a emergência de subjetividades subalternas, em que temáticas de raça e racismo, já debatidas desde sempre por epistemologias negras, devem ser vinculadas a todos os campos de conhecimento.

Por outro lado, mas também correlacionado, tem-se que ter o cuidado e respeito àqueles que vieram antes, num sentido de ancestralidade que nos liga para a formação de um sentido/forma de viver/interpretar o mundo. Isso pressupõe que epistemologias negras já andam pelo mundo desde nosso primeiro ancestral, o que implica num esforço coletivo e trabalho árduo e contínuo, talvez infinito, com o intuito pedagógico e de

construção de uma ferramenta antirracista através de um vislumbre de classificação de uma Epistemologia Negra. Esse termo amplo não nasce para ser objetivo ou único, mas um termo guarda-chuva que possa abarcar uma miríade de experiências, corpos, relatos, teorias, conhecimentos, interpretações que tenham o objetivo comum, pan-africanista, de solidariedade entre as populações negras e sua autodeterminação.

O que se entendia por epistemologia, especificamente no âmbito acadêmico ocidental, branco e hegemônico, não poderia e não iria abarcar a experiência e os saberes negros do mundo, tendo seu sentido construído através da prática de toda sorte de violências, nos planos físico e simbólico. Isso quer dizer que o projeto de Colonialidade do ser, saber e poder (Maldonado-Torres, 2018, p. 43) foi um projeto epistemológico (SAUNDERS, 2017) que traz em seu bojo epistemicídios, desumanização, escravidão, genocídio. Tanya Saunders (2017, p. 104) explica o que a epistemologia ocidental hegemônica significa:

Ou seja, a maneira pela qual o Homem passou a ser definido e, por extensão, o "ser humano", está enraizada em um projeto epistemológico colonial no qual o Homem veio a ser construído em torno da experiência e imagem do homem heterossexual branco, burguês, cristão, enquanto que o não-humano se definia, em primeiro lugar, em relação à indignidade, para depois ser redefinido como africano, negro. Esse projeto está enraizado em um processo de criação do mundo novo que resultou do colonialismo da Europa Ocidental nas Américas. Esse momento se entrelaçou com movimentos políticos maiores na Europa que derrubaram as monarquias estabelecidas e as elites eclesiásticas, tendo apenas seu sistema de organização social (cristão/hereje, anjo/demônio, limpo/sujo, etc.) redefinido à luz do encontro colonial, no qual os homens europeus tentaram dar sentido a si próprios e ao seu lugar na ordem colonial emergente, e o resultado disso foi a rearticulação do conceito de Homem ao longo do que agora consideramos como termos racializados. Ou seja, as justificativas para a inclusão e exclusão nos estados cristãos pré-coloniais se tornariam as justificativas naturalizadas para diferentes tipos de humanos/não-humanos durante o período colonial.

Dessa forma, precisaríamos recorrer a saberes e práticas enegrecidas que se recusem a aceitar o pensamento eurocêntrico/ocidental como verdade única e que

pressupõem práticas de resistência, tal como de ressignificação e revalorização das vidas negras. Unificar em um termo guarda-chuva, que seja Epistemologia Negra, necessariamente não deverá se inclinar para uma homogeneização do pensamento, mas valorizar a diversidade e o dinamismo do mesmo. Unidade que visa o fortalecimento e a proteção ao povo preto e que pode remeter a alguns princípios, trazendo algumas características para o que viríamos a qualificar como uma episteme negra.

O primeiro despertar vem do âmbito pessoal no enfrentamento da questão e vivência do que é ser um pesquisador negro dentro da universidade. Sendo um espaço também de violência (KILOMBA, 2010) para afrodescendentes e de silenciamento, epistemicídio e não acolhimento, um pensamento negro que pudesse me situar nesse espaço, explicar o mundo de outra maneira e que me fornecesse ferramentas de contra argumentação se fazia necessário.

Em segundo lugar, começando a ter mais contatos com teorias já legitimadas na academia, como o Pós-Colonial e o Decolonial, as quais surgem a partir do questionamento teórico daquela ciência branca, ocidental e hegemônica que havíamos comentado, percebemos que epistemologias negras são vitais para a formação das mesmas. Afinal, não podemos pensar as duas disciplinas sem a influência de Aimé Césaire e Frantz Fanon ou, mais a fundo, quando teóricos decoloniais atribuem o nascimento de suas ideias à 1) obra de Ottobah Cugoana, ex-escravizada ganês que escreve um “tratado político” contra o tráfico negreiro (1787), segundo Mignolo (2006); e 2) a Maldonado-Torres (2016), colocando que o decolonial começa com a independência do Haiti (1791-1804). Essa ligação também é explicitada, pelos autores Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 17):

Sem utilizar precisamente o termo “colonialidade”, já era possível encontrarmos a ideia que gira em torno desse conceito em toda a tradição do pensamento negro. A título de exemplo, podemos encontrar contemporaneamente essa ideia em autores e autoras tais como W. E. B. Du Bois, Oliver Cox, Frantz Fanon, Cedric Robinson, Aimé Césaire, Eric Williams, Angela Davis, Zora Neale Huston, bell hooks etc.

Ou seja, estamos falando de uma tradição negra de pensamento que é muito antiga, porém que não recebe a devida atenção e importância no Brasil, um país que tem a segunda maior população negra do mundo. Isso ocorre por conta de o racismo brasileiro ser de tecnologia avançada, permitindo que o mesmo se desenvolvesse de maneira assombrosa por conseguir se escamotear graças à ajuda do lusotropicalismo freyreano e sua “democracia racial”. Esse processo ajudou na tentativa de mascaramento das dinâmicas raciais que também se refletiu nos círculos acadêmicos, que incentivaram e incentivam que a questão racial, ou uma “racialização da ciência”, deva permanecer no campo do não-dito. Outro processo passou pela folclorização e exotização de saberes outros que não branco-europeus, que os inferiorizou e os tratou como representações estereotipadas, negando aos seus detentores a possibilidade de produzir o significado sobre seus próprios signos, coisa que a epistemologia pode devolver (OLIVEIRA, 2009). Assim, pretende-se tentar descrever algumas qualidades ou compromissos que um pensamento colocado dentro do termo Epistemologia Negra deva apresentar.

Como uma das características suleadoras, devemos retornar ao que Cornel West (1999) cunhou de “modelo insurgente” em seu ensaio *O dilema do intelectual negro*.<sup>[1]</sup> Tal ensaio sofreu severas críticas, porém contundentes e necessárias, feitas por bell hooks em *Intelectuais negras* (1995), principalmente pela ausência total de menções ao trabalho intelectual de mulheres negras que já possuíam uma produção relevante em qualidade e quantidade. Entretanto, há pontos levantados pelo autor que são válidos para a presente discussão, quando ele lista algumas características que formariam esse modelo insurgente, onde, resumidamente, cito algumas: a) Pensamento crítico e questionador aos “regimes de verdade” dos modelos euro-americanos; b) Uma escrita não-hermética, assim como não susceptível aos últimos modismos que venham a surgir entre a intelectualidade negra motivadas pelo *establishment* branco, intelectual e burguês; c) Estímulo a novas formas culturais, percepções e práticas alternativas que

desloquem discursos e poderes; d) Trabalho intelectual coletivo, em constante contato com outras instâncias negras, voltada para a possibilidade de “resistência efetiva e transformação social significativa”; e) Inspiração necessária nas formas culturais e religiosas negras pela inovação crítica constante e por serem estes também modelos de insurgência. Aqui o autor dá um destaque à música negra e ao sermão e à prece negras, ressaltando outro ponto fundamental, que seria a criatividade e a escrita criativa; f) Por último, a atividade-fim a que todos os pontos se referem: a insurgência ou revolta negra.

Esses pontos me parecem bem sugestivos do que eu entenderia como inclinações de um pensamento negro que objetiva se colocar contra a visão única/universal que o pensamento ocidental tenta impor ao mundo. No entanto, vale dizer que estes não deveriam ser entendidos como um dogma, o que afastaria a potência da mutabilidade e hibridismos das criações negras tal qual notado por Gilroy (2001). Significa pensar a importância do trabalho intelectual negro ao mesmo tempo que se pensa sua transcendência para outras instâncias: “Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas, nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida.” (HOOKS, 1995, pp. 478).

O que West e hooks estão afirmando, liga-se ao que está descrito na definição do intelectual negro brasileiro por Nilma Lino Gomes (2009) ampliando o que fora desenvolvido por Sales Santos (2008, apud Gomes 2009).

Sendo assim, o intelectual negro aqui discutido refere-se àquele profissional que constrói sua trajetória de produção, reflexão e intervenção na interatividade entre o ethos político da discussão da temática racial e o ethos acadêmico-científico adquirido no mundo da ciência moderna. No entanto, há um diferencial na definição que apresento. O intelectual negro é também aquele que indaga a ciência por dentro e problematiza conceitos, categorias, teorias e metodologias clássicas que, na sua produção, esvaziam a riqueza e a problemática racial ou transformam raça em mera categoria analítica retirando-lhe o seu caráter de construção social, cultural e política. E ainda, é aquele que coloca em diálogo com a ciência moderna os conhecimentos

produzidos na vivência étnico-racial da comunidade negra (GOMES, 2009, p. 426)

Dessa forma, como coloca a autora, a interação entre a ética antirracista dos Movimentos Negros e a ética de um posicionamento acadêmico que busque a igualdade racial e sua promoção seria um traço da intelectualidade negra, acrescida da indagação de todo o fazer científico no que tange às questões de raça. Assim, conectando-se à insurgência *westiana*, vai se entender como um princípio irrevogável a necessidade de um pensamento anticolonial e antirracista, sendo assim um pensamento anti-hegemônico, para poder ser pensado enquanto uma epistemologia negra. Nesse sentido, devemos observar outras coisas importantes, já que a episteme/projeto colonial também desenvolveu outras formas de violência para além do racismo antinegro, como coloca Tanya Saunders (2017, p. 112) ao pensar como nos tornamos não-humanos a partir de uma ideia de humano atribuída ao homem branco, heterossexual, cis, burguês, cristão:

Ao considerar o racismo, o sexismo e a homofobia como "legados coloniais", somos capazes de abordar as formas em que o racismo foi corporalizado e institucionalizado à nível do Estado, e no nível psíquico, no nível do erótico, ao mesmo tempo em que interroga as formas como a cultura e a desigualdade material são racializadas.

Essas categorias de opressão, em muitos momentos, vão atuar de maneira interseccional como forma de subalternização e subjugação de corpos negros. No entanto, aqui, devemos destituir de castigo e de culpa esses corpos escuros, cognoscentes, que serão então unidades de poder, representação e orgulho. Ou seja, o corpo também deve ser um *locus* de apropriação da episteme negra, assim como sugeriu Fanon (2008, p. 191) com sua prece que encerra *Pele Negra, Máscaras Brancas*: "Ô, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!". Dentre outras coisas, essa reza fanoniana vai superar o *cogito* cartesiano que, com seu pensamento binário, separava corpo e alma, certo e errado, céu e inferno. Como também vai colocar

o corpo em evidência como produtor de sentido e saberes ou como uma maneira de negar a invisibilização ou condenação desse corpo negro enquanto gerador de experiências.

Contra essa divisão maniqueísta também vai se colocar a dimensão espiritual, sendo estranho para um pensamento negro a divisão entre razão e emoção ou materialidade e espiritualidade, como coloca Aline Nascimento (2017, p. 48) ao comentar a obra de Marimba Ani: “a dimensão espiritual na concepção africanocentrada é a fonte de toda a energia, movimento, causa e efeito”. Isso quer dizer que o conhecimento é gerado em outros planos que não só o material e visível, como ensinam várias cosmovisões de culturas africanas.

O *orikí* de Exu afirma que “Ele matou um pássaro ontem com uma pedra que só hoje atirou”, nos ensinando muito tempo antes do que se convencionou chamar de modernidade que o tempo não é linear, como hoje se sabe através da física quântica, como compara José Henrique Santos (2018). Segundo o autor, a consulta ao oráculo de Ifá, se apresenta como um “sistema divinatório e epistêmico” (p.170) e propõe que seja levada mais à sério enquanto conhecimento.

Os itans nos ensinam que Oxum recebeu os búzios e com ele a plataforma divinatória do merindilogun diretamente das mãos de Obatalá. Os búzios, desta forma, carregam em si a potência da previsibilidade de todos os tempos (presente, passado e futuro) e o Brasil talvez seja o lugar da diáspora africana em que mais se desenvolveram sistemas de letramento nesta plataforma. [...] Mais que esoterismos, o que a produção de um saber Eurocentrado e Americanizado dentro e fora da universidade nos impede de perceber é que no ato do rito sério que envolve a equação dos búzios na divinação do merindilogun talvez estejamos lidando mais com a Física Quântica do que com adivinhações, mas do outro lado não temos Einstein, Rosen, Hawking e sim todo um campo desenvolvido através da oralitura e da práxis cotidiana intensa das e dos que se letraram para ler polissemicamente, me permitam, além da matéria. (SANTOS, 2018, p.169).

Assim, este se torna também um outro compromisso da Epistemologia Negra, o entendimento da não-linearidade temporal, do conhecimento como encruzilhada de saberes que não permitiria a narrativa única da história.

Dessa maneira, entenderíamos também o conhecimento em seu sentido amplo, quer seja ele construído através da escrita, quer seja através da oralidade e do corpo. Então conhecimentos passados através da dança, da música, da contação de histórias, dos mitos, da espiritualidade, como, por exemplo, o que a capoeira, o samba, o rap e o candomblé nos ensinam, têm validade equânime ao que se aprende nas universidades. Com esse compromisso, estaríamos também respeitando a forma que a ancestralidade nos passou conhecimento (Nascimento, 2017, p. 49), reconhecendo seu lugar primordial para uma epistemologia negra.

Como Nascimento (ibid., p. 48) também vai colocar como pressuposto para um pensamento afrocêntrico, seria a dimensão da conexão afetiva e simbólica, já que “afetos e símbolos são expressões importantes para a libertação humana” (ibid., p. 48-49), explicando que a emoção também deve ser tratada como fonte de conhecimento, e não como algo proveniente de instinto. Fica claro que a afirmação da autora vai sempre de encontro com o dualismo do pensamento europeu e que desafia as concepções oficiais de ciência. Considerando o afeto e a emoção como algo relevante, isso vai nos remeter para outra dimensão importante para uma Epistemologia Negra, que seria a de conhecimento localizado e de experiências pessoais ou subjetivas como imprescindíveis para o pensamento negro.

Neste sentido, essa subjetividade enquanto ciência foi crucial para a construção do pensamento feminista negro, que aprofundou a questão ao desnudar a falácia das supostas neutralidade, objetividade e universalidade do pensamento branco eurocêntrico e ao requerer a potência da fala daqueles (as) subalternizados (as) que proveriam a academia com outras perspectivas.

No discurso colonial, o corpo colonizado foi visto como corpo destituído de vontade, subjetividade, pronto para servir e destituído de voz (hooks, 1995). Corpos destituídos de alma, em que o homem colonizado foi reduzido a mão de obra, enquanto a mulher colonizada

tornou-se objeto de uma economia de prazer e do desejo. Mediante a razão colonial, o corpo do sujeito colonizado foi fixado em certas identidades. Como resposta, em diálogo com as feministas que defendiam que o conhecimento é sempre situado (Haraway, 1991), as feministas negras argumentaram que a epistemologia dominante, embora travestida de neutra e universal, é masculina e branca. Diante disso, a trajetória individual e coletiva dos sujeitos subalternos (especialmente das mulheres negras) é vista como um privilégio epistemológico de onde se elabora também um pensamento de fronteira a partir de uma perspectiva subalterna. (BERNARDINO-COSTA e GROSGOUEL, 2016, p. 20)

Mais tarde ficou evidente que transformar nossa trajetória coletiva e individual enquanto negros em relatos escritos e teorias se apresenta como uma tradição negra das letras, mas não somente, se constituindo de uma necessidade de sobrevivência e urgência para denunciar as violências física e simbólica pelas quais o povo negro vem sendo submetido desde a fundação da modernidade/colonialidade. Paul Gilroy (2001), debruçando-se sobre as autobiografias de Frederick Douglass e da contação de histórias, como a narrativa sobre Margaret Garner, coloca os relatos pessoais dos negros, agora na esfera pública, junto à música negra, como “um componente essencial das contraculturas raciais insubordinadas” (GILROY, 2001, p. 374). O autor vai aprofundar ainda mais a questão:

Eles expressam da maneira mais poderosa uma tradição de escrita na qual a autobiografia se torna um ato ou processo de simultânea autocriação e auto-emancipação. A apresentação de uma persona pública torna-se assim um motivo fundador dentro da cultura expressiva da diáspora africana. [...] É importante notar aqui que uma nova economia discursiva emerge com a recusa em subordinar a particularidade da experiência escrava ao poder totalizante da razão universal detida exclusivamente por mãos, canetas ou editoras brancas. Autoria e autonomia emergem diretamente do deliberado tom pessoal desta história. [...] O caráter autobiográfico de muitas declarações como esta é portanto absolutamente crucial. Ele apela de modo especial a opinião pública do movimento abolicionista contra o poder arbitrário intrínseco a um sistema de escravidão que é, a um só tempo, irracional e anticristão. Aquilo que mais tarde Richard Wright identificaria como a estética do personalismo flui dessas narrativas e mostra que nas mãos dos escravos o particular pode vestir o manto da verdade e da razão, tão prontamente quanto o universal. (Ibid., p. 152)

Esses escritos trariam outra característica importante, a qual muitos autores, de Marcus Garvey a bell hooks, se referiram como processo imprescindível para a emancipação e autodeterminação do povo negro: a descolonização das mentes. Dificilmente se poderia traçar uma genealogia do uso do termo, mas sua presença maciça é observável, seja nas letras ou nos discursos, em uma miríade de lugares e posicionamentos, quer de intelectuais, acadêmicos, líderes políticos ou artistas, em um fluxo contínuo de retroalimentação. Fanon (2008) também havia percebido a importância de uma desconstrução de mentes e pensamentos do povo negro que, por imposição da colonialidade, estariam agindo, pensando, falando e comportando-se como brancos e desejando isso como única resposta possível para se livrar do sofrimento, a “máscara branca”.

Não foi por acaso que Biko (1990, p.87) afirmou que “[...] a mente do oprimido é a arma mais poderosa nas mãos do opressor”, ou seja, da mesma forma, ele também tinha entendido a importância do processo da descolonização mental como essencial para as populações negras subjugadas e que este seria o principal obstáculo, o processo mais difícil a se transpor, para atingir o objetivo da Consciência Negra. Maldonado-Torres (2018) coloca que uma das características da colonialidade é agir sobre a visão de mundo através de três elementos básicos, os quais, “o saber (sujeito, objeto, método), o ser (tempo, espaço, subjetividade) e o poder (estrutura, cultura, sujeito)” (p. 42), não bastando a ocupação por meio de poderio militar e o genocídio e escravidão dos subalternizados para garantir a continuidade do empreendimento colonial. O autor também coloca que processos identitários e subjetivos vão formar-se dentro dessa articulação de elementos e vai destacar que o comum entre todas essas dimensões é a subjetividade.

O que quer que um sujeito seja, ele é constituído e sustentado pela sua localização no tempo e no espaço, sua posição na estrutura de poder e na cultura, e nos modos como se posiciona em relação à produção do saber. [...] O sujeito, portanto, é um campo de luta e um espaço que deve ser controlado e dominado para que a coerência de uma dada

ordem e visão de mundo continue estável. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 43)

O autor ainda acrescenta que “A Colonialidade do saber, ser e poder é informada, se não constituída, pela catástrofe metafísica, pela naturalização da guerra e pelas várias modalidades da diferença humana [...]” (p.42). Pela profundidade e complexidade da questão, os autores(as) negros(as) notaram o tamanho do desafio e se debruçaram para tentar resolver a questão, transformando-a em outra característica presente nos escritos negros.

Uma das maneiras de realizar o apagamento do sujeito colonizado foi através do epistemicídio, assim, construir bases teóricas que possam enfrentar esse processo desumanizante e um dos tentáculos mais poderosos do genocídio do povo negro, torna-se uma diretiva. A filósofa Sueli Carneiro (2005, p. 97), amplia o conceito de Boaventura Sousa Santos e assim define o epistemicídio:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc.

Por isso, necessariamente, esse pensamento negro também precisa ser interdisciplinar ou, como prefere Maldonado-Torres (2016), transdisciplinar, que se opõe à disciplina e ao método, “rígidos”, de toda formação do pensamento científico dentro da visão de mundo da modernidade/colonialidade. Ele apresenta a transdisciplinaridade

decolonial superior à disciplina ocidental[2] por apresentar uma “primazia epistemológica, ética e política” (p. 80), pela amplitude que ela poderia atingir, em termos de uma riqueza interdisciplinar, mas também considerando outras áreas “não-acadêmicas” como a militância política e as artes libertárias. O decolonial seria uma consciência, uma atitude e um compromisso contra a desumanização que a episteme europeia causou no mundo, por isso ética. Muitas obras seminais de pensadores negros já traziam esse escopo transdisciplinar aliados à narrativa em primeira pessoa, como a já comentada obra de Fanon, a obra de Du Bois, de bell hooks, Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento, para ficarmos em poucos exemplos.

Assim, nas Epistemologias Negras podemos identificar um compromisso constante com a insurgência através da luta antirracista, objetivando o desmantelamento da estrutura branca de poder. São trabalhos que estão politicamente engajados e não haveria outra forma de costurar esse levante sem passar pela subjetividade, pelos locais que habitamos, pelos regimes de constrição que nossos corpos são submetidos, pelo que, enfim, somos atravessados, nossas vivências. Escrevivências de Conceição Evaristo (apud LIMA, 2017), “um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver”, que abre possibilidades para um novo existir de novas e velhas vozes, insurgentes e subalternas, que a colonialidade se empenhou em silenciar, mas que encontram novas formas de driblar a opressão, afinal, “a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (Id.).

### **Referências Bibliográficas**

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGUÉL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. Soc. estado., UNB, Brasília, v. 31, n. 1, 2016, p. 15-24. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

BIKO, Steve. **Eu escrevo o que eu quero**. São Paulo: Ática, 1990.

BORGES, Rosane. Mídias, racismos e outras formas de destituição: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação. In: CORRÊA, Laura Guimarães (org.). **Vozes Negras em Comunicação: Mídia, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. Tese de Doutorado em Educação apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, UFSC, Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995, p. 464-478. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2010.

LIMA, Juliana Domingues. Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'. **Nexo Jornal**. Disponível em: <[www.nexojornal.com.br](http://www.nexojornal.com.br)>. Acesso em 07 de janeiro de 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da Colonialidade e da Decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2018.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento des-colonial, despredimiento y apertura: um manifesto. In: WALSH, Catherine; LINERA, García; MIGNOLO, Walter. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

NASCIMENTO, Aline Maia. Em defesa de uma epistemologia destoante: notas sobre a perspectiva africanocentrada. Revista Eixo, IFDF, Brasília-DF, v. 6, n. 2, 2017, p. 44-50. Disponível em: <<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/514>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Epistemologia da Ancestralidade. Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins. Fortaleza: UFC, vol.1. Nº 2, 10p., 2009. Disponível em: <<https://filosofia-africana.weebly.com>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

Santos, José Henrique de Freitas. Yorubantu: por uma epistemologia negra no campo dos estudos literários no Brasil. Fólio – Revista de Letras, UESB, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, 2018, p. 161-172. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/4575>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. Revista Periódicus, UFBA, Salvador, v. 1, n. 7, 2017, p. 102-116. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22275>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

SOVIK, Liv; ANSEL, Thiago. Nota editorial. Revista Animus, UFSM, Santa Maria, v. 14, n. 27, 2015, p. 1-2. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/19212>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

WEST, Cornel. The dilemma of the black intellectual. In: **The Cornel West: reader**. New York: Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315. Tradução e notas de Brulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza.